

## O tema da violência está em todas as mídias E as políticas de enfrentamento, onde estão?

Daqui a 13 minutos alguém vai morrer assassinado no Brasil. A cada ano 40 mil brasileiros morrem desse jeito estúpido. São 24 assassinatos por grupo de 100 mil habitantes, ficando atrás da Colômbia, com 79 mortos por 100 mil, Honduras, com 64, e Jamaica, com 29.

O latrocínio, assalto seguido de assassinato, é o crime que mais cresce no país. De acordo com o Ministério da Justiça, 1355 brasileiros foram mortos por ladrões em 1997. No último levantamento, concluído em 1999, esse número ficou três vezes maior.

Hoje, os crimes ocorrem em lugares e condições tão corriqueiras quanto inevitáveis (...). O crime foi vulgarizado.

50% dos habitantes das capitais brasileiras evitam sair à noite, 38% desviam de determinadas ruas antes insuspeitas e 24% mudaram o trajeto até a escola ou até o trabalho para evitar contato com ladrões.

O Brasil é, atualmente, o terceiro maior mercado de automóveis blindados do mundo; entre os moradores dos grandes centros urbanos, todos têm algum amigo ou parente que já esteve sob ameaça de uma arma de fogo na cabeça. O pior é que a ação do poder público, cada vez mais surte menos efeito.

No ano passado, embora a área de segurança seja um assunto voltado para as preocupações das esferas estaduais, o

governo federal anunciou o Plano Nacional de Segurança Pública, um pacote de 124 medidas com a intenção de reduzir a criminalidade.

Mas para o sociólogo Gláucio Ari Dilton Soares, professor de sociologia da Universidade da Flórida e especialista em criminalidade, o plano está descosturado em vários pontos: “Limita-se a afirmar que em 2002 terá reduzido a criminalidade. Como? Isto é um chute”.

São trechos de uma das matérias principais da revista *Penthouse* de novembro de 2001. Trata-se de uma publicação de sexo, política e protesto, conforme se pode ler na capa.

Com essa matéria podemos observar que, tanto a violência ocupa todos os lugares, aparece em todos os cenários, como, também em todos os espaços de construção discursiva, o fenômeno pode ser tratado.

A matéria, intitulada *Um grito que não pode mais ficar amordaçado*, ocupa três páginas da seção de protesto da revista. Fundamenta-se, nas primeiras duas páginas, em dados estatísticos e se apoia em comparações entre o Brasil e outros países do mundo. Na última página, a revista anuncia o seu posicionamento, a partir do título *Pela valorização da vida*.

“A *Penthouse*, revista de sexo política e protesto, e um grupo de brasileiros

formadores de opinião lançam uma campanha para agregar os que não acreditam mais na pombinha branca da paz”. O movimento propõe uma reação e a criação de leis mais drásticas para quem tira a vida de uma pessoa. Não se limita aos homicídios praticados por bandidos, mas ao policial que mata, o traficante que mata, o carcereiro que mata um preso.

De acordo com a matéria, o grupo está aberto para receber propostas para aperfeiçoar nosso Código Penal e , ainda, de acordo com o texto “se for possível devemos discutir ações como greve de 5 minutos no País, contra a violência ou depositar, em juízo, parte dos

impostos que pagamos ou até voltar a examinar a questão da pena de morte”.

Por todos os lados surgem sinais de desgaste em relação à confiança nas instituições e, ao lado disto, também emerge a idéia de que é necessária a adoção de reações mais efetivas e as vezes radicais – com a pena de morte – que dão sinal de esgotamento das formas habituais de enfrentamento dado à questão da violência. Tudo isso é também sinal de que o estado precisa preencher um lugar que tem deixado vago, com a efetivação de políticas públicas adequadas às demandas que têm se colocado de modo excessivamente claro.